

QUEM É O GAÚCHO?

“Era curioso aquele método de construção que fazia honra à bem conhecida persistência dos americanos. Ia procurar-se a madeira a uma parte e o ferro a outra; dois ou três carpinteiros cortavam e emparelhavam aquela, um mulato forjava o ferro”.

Giuseppe Garibaldi, in “Memórias de José Garibaldi”, por Alexandre Dumas. Julho de 1907.

A observação de Garibaldi a respeito da construção de barcos pelos farroupilhas, durante a Guerra dos Farrapos, é uma entre inúmeras referências de exaltação da tenacidade e da persistência do gaúcho, que encontramos nos documentos e relatos referentes ao decênio heróico, quando os sul-rio-grandenses se levantaram em armas para garantir valores como o da liberdade e interesses de ordem econômica, militar, religiosa e ideológica.

As características fundamentais de uma sociedade e dos homens e mulheres que a compõe, é invariavelmente consequência de uma história. Não é diferente aqui no garrão do Brasil, onde a história é contada a partir dos seus habitantes. O gaúcho que surgiu a partir do início do século XVII é o resultado de uma mescla de raças e etnias que ocuparam a pampa do extremo sul da América, abrangendo o que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Os índios primeiros habitantes, os espanhóis, portugueses e negros que aqui se estabeleceram, alguns por vontade própria, mas a maioria forçada pelas circunstâncias históricas que vivenciou. Depois vieram os alemães, os italianos os poloneses e pequenos grupos de outras partes do mundo. Do cruzamento destas raças, temperadas pelo frio, pelo minuano, pelo espaço generoso e sem cerceamentos, pela lida com o cavalo e com o gado, surge um tipo humano sedento por liberdade e extremamente apegado a sua terra.

Quando eclodiu a Revolução Farroupilha, o gaúcho, como o conhecemos hoje, ainda não estava completo. Os alemães recém haviam chegado e os italianos só chegariam quarenta anos depois, mas a base estava formada. A índole do gaúcho estava cristalizada e a cultura começava a se formar. Na mesma linha de Garibaldi, encontramos relatos de Saint’Hilaire e Nacimbene aparentemente isentos, e de inúmeros farroupilhas dando conta da tenacidade, da persistência, quase teimosia do gaúcho.

Não podemos desconhecer que encontramos aqui e acolá, historiadores ou “palpiteiros” que procuram descrever o gaúcho como um marginal, um homem sem escrúpulos, machista, ladrão, contrabandista, e assim por diante. Esquecem que o homem é, e sempre foi, um elemento do seu meio e do seu tempo. Da primeira metade do século XVII, época em que os Jesuítas organizaram nesta terra as primeiras reduções, até o final do século XVIII, passando pelo período dos 7 povos das missões, pela fundação do Forte Jesus Maria José e pela Guerra Guaranítica, as leis portuguesas e espanholas não alcançavam os habitantes da pampa. As terras eram denominadas “neutrais”, ou seja, eram terras sem dono, nem Portugal e nem Espanha tinham domínio sobre elas. Neste pampa dominava um homem rude, forte, às vezes bandido, mas sempre livre, denominado Gaudério ou Gaúcho. Aquele homem deve ser compreendido e estudado a partir dos

conceitos morais e da ética vigente à sua época. Querer julgá-lo hoje, com os padrões sociais e éticos da sociedade contemporânea é descabido.

No Rio Grande do Sul, território disputado por Portugal e Espanha, o Gaúcho adquire algumas características próprias, desenvolvendo um gosto muito apurado pela aventura e pelas escaramuças bélicas. O Estado foi por muito tempo, tanto por necessidade quanto pelo gosto, um grande quartel. Do dia para a noite as fazendas se transformavam em quartéis e os peões em soldados. Bastava um toque de clarim para transformar a peonada em companhia ou batalhão. O objetivo era quase sempre o mesmo: garantir que o território não fosse dominado pelos castelhanos. Em 1835 o processo foi outro. Os sul-rio-grandenses se rebelaram contra os Portugueses. Contra a tirania política e econômica do Império Brasileiro que tratava a província com desdém.

No início era uma manifestação de inconformidade, uma exigência de melhor tratamento, depois, com a intransigência imperial, se transformou numa tentativa de autonomia. A idéia de República fervilhava entre os farroupilhas. O desejo de autodeterminação era notório. No entanto havia, como sempre houve, um sentimento superior: o sentimento de brasilidade. A República Rio-Grandense foi proclamada e durou mais de oito anos o que não impediu à assinatura da Paz em que ficou reforçada a posição gaúcha de ser brasileiro.

As fronteiras sul e oeste do Rio Grande do Sul foram demarcadas na ponta da lança e na pata do cavalo. A obstinação do gaúcho, superando todas as adversidades, desconhecendo a falta de conforto, ignorando a fome e o frio, foi a sua marca mais nítida. Valores como a da amizade, do companheirismo da palavra dada e da honra, são frutos de um processo complexo de construção cultural que caracterizou o gaúcho ao longo destes trezentos e setenta anos, contados a partir da chegada dos padres jesuítas.

O bairrismo quem nos caracteriza, também, decorre dessa história e do tipo de formação da sociedade sul-rio-grandense e não devemos negar ou nos envergonhar dele, assim como precisamos reconhecer que o povo gaúcho é o mais politizado entre os brasileiros assim como é, possivelmente, o mais persistente e aventureiro.